

MULHERES ARMADAS E DESTEMIDAS: GÊNEROS DO DISCURSO NO DISCURSO DE GÊNERO

ARMED AND FEARLESS WOMEN: GENERS OF THE SPEECH IN GENDER DISCOURSE

Sabrina Celestino Celestino 1
Karenine Miracelly Rocha da Cunha 2

Resumo: O ano de 2017 marca o ingresso do segmento feminino na linha de ensino bélico do Exército Brasileiro. O presente artigo propõe uma reflexão sobre a relação entre mulheres e a carreira militar construída pelo discurso midiático, mais especificamente um programa televisivo de entretenimento, e a reprodução das representações de gênero vigentes. O estudo fundamenta-se no referencial teórico bakhtiniano sobre gêneros do discurso, linguagem e ideologia. O corpus da pesquisa é uma reportagem especial veiculada no Programa da Sabrina, na TV Record, sobre o ingresso das mulheres na carreira militar bélica no Exército. Como resultado, percebe-se que o gênero do discurso estudado mantém o discurso de gênero vigente, repetindo as mesmas representações da mulher, ainda que o tema abordado indique uma possível ruptura ideológica.

Palavras-chave: mulher; carreira militar; mídia; representações de gênero.

Abstract: The year 2017 marks the entry of the female segment into the military training line of the Brazilian Army. The present article proposes a reflection on the relationship between women and the military career built by the media discourse, more specifically a television program of entertainment, and the reproduction of the representations of genres in force. The study is based on the Bakhtinian theoretical framework on discourse, language and ideology genres. The corpus of the research is a special report published in the Sabrina Program on TV Record about the entry of women into the military military career in the Army. As a result, it can be seen that the gender of the discourse studied maintains the gender discourse in force, repeating the same representations of the woman, although the subject addressed indicates a possible ideological rupture.

Keywords: women; military career; media; gender representations.

Assistente Social graduada pela Universidade Federal Fluminense - 1
UFF Niterói, mestre em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FSS/UERJ, doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGSS-PUC RIO) Professora Adjunta do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (Comando do Exército) e líder do grupo de pesquisa Políticas Públicas e Forças Militares. E-mail: anirbasuff@hotmail.com

Jornalista (Unesp), mestre em Comunicação (Unesp) e doutora 2
em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em jornalismo impresso diário e de revista. Atualmente, é professora dos cursos de pós-graduação do Centro de Estudos de Pessoal, instituição de formação e aperfeiçoamento em Ciências Humanas do Exército Brasileiro. E-mail: kareninerc@gmail.com

Introdução

As elaborações que constam no presente artigo partem de nossa experiência como docentes do magistério superior e pesquisadoras do quadro de uma instituição de ensino superior militar vinculada ao Exército Brasileiro. A partir de nossa atuação cotidiana relacionada ao ensino e à pesquisa, debruçamo-nos sobre a temática que reflete sobre mulheres e carreira militar partindo do olhar das áreas que fundamentam nossa formação e trajetória profissional, quais sejam: o jornalismo e o serviço social, em especial o estudo das políticas públicas.

As reflexões que aqui partilhamos são fruto das indagações e dos diálogos cotidianos que estabelecemos a partir do contexto institucional por nós vivenciado, sobretudo aquele instaurado com o ingresso de cadetes do segmento feminino na linha de ensino bélico. Em 2017, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX) iniciou a preparação das alunas que, em 2018, ingressariam como cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN¹), instituição de ensino superior formadora de oficiais de carreira do Exército Brasileiro. Na prática, isso significa que, pela primeira vez, haverá a possibilidade de uma mulher atingir o posto de general de Exército, ponto alto na hierarquia da Força Terrestre.

O referido ingresso suscitou debates sobre a aptidão das mulheres para as condições adversas dos treinamentos militares e para o exercício da carreira como profissionais bélicos. Em se tratando do período de formação, as necessidades de adequação da AMAN para o recebimento de mulheres, a exemplo dos alojamentos e fardamentos, evidenciam que, se não é novidade a presença da mulher nas Forças Armadas, o ingresso no ensino bélico do Exército Brasileiro e as consequências advindas dele criaram um fato ímpar.

Esta inserção foi determinada pela Lei 12.705 de 8 de agosto de 2012, que dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira. A legislação previu um interstício de cinco anos para as adaptações necessárias. Em 2016, foram criadas 40 vagas dedicadas ao sexo feminino, ante as 400 para o sexo masculino. O concurso público, semelhante a um vestibular, e a formação para a carreira militar iniciada na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX), evidenciou, em seu primeiro certame misto, relação candidato/vaga para o sexo feminino de 192,65, ou seja, 7.706 candidatas disputaram as 40 vagas, contra uma proporção de 55,14 candidatos/vaga do sexo masculino.

Sendo assim, a análise disposta no presente artigo toma por materialidade, para além do contexto acima aludido, “a visão de fora”, ou seja, aquela que circula no imaginário social, sendo este representado pela televisão. Nos meios de comunicação, o ingresso de mulheres na formação de carreira tem reunido critérios de noticiabilidade² transformando-o em notícia em diversos veículos, seja na mídia local e/ou regional em Campinas (SP) e Resende (RJ), onde estão localizadas respectivamente a EsPCEX e a AMAN, seja em mídia de alcance nacional. Essas notícias começaram a ser veiculadas em 2016, quando foi feita a primeira seleção; continuaram em 2017, quando as primeiras alunas ingressaram na EsPCEX; e em 2018, com a chegada das cadetes à AMAN. Além de ser pauta para o jornalismo, as cadetes da AMAN também tematizaram programas de entretenimento com quadros pseudojornalísticos, caracterizados pelo infotainment³.

Um deles foi o Programa da Sabrina, que veiculou a reportagem televisiva objeto de estudo deste artigo. O programa é exibido em horário nobre, aos sábados, pela Rede Record, desde abril de 2014. Além disso, partes dos programas exibidos semanalmente ficam disponíveis no portal de entretenimento da emissora, o R7 (<https://www.r7.com>), com todas as características de

¹Neste artigo, as grafias das siglas e abreviaturas relacionadas ao Exército Brasileiro seguem o padrão estabelecido pelas Forças Armadas. Muitas vezes, a grafia não obedece às regras gramaticais vigentes. Essa opção justifica-se por ser a grafia institucionalizada e amplamente conhecida dos nomes das instituições militares mencionadas. Cf.: MINISTÉRIO DA DEFESA. Manual de abreviaturas, siglas, símbolos e convenções cartográficas das Forças Armadas. 2. ed. Brasília, 2001.

²Os critérios de noticiabilidade indicam o valor-notícia de um fato e o que ele precisa apresentar para ser transformado em notícia. Um fato pode apresentar mais de um critério ou algum com grande destaque. São critérios de noticiabilidade o ineditismo, a improbabilidade, a utilidade e o interesse coletivo; o apelo; a empatia; a proeminência dos envolvidos e o conflito. Cf.: CUNHA, Karenine Miracelly Rocha. Da informação à comunicação: Acontecimentos do jornalismo. Curitiba: Appris, 2016, p. 75.

³Conceito que define a hibridização de jornalismo e entretenimento. Diz respeito tanto às chamadas notícias *lights* – opostas às *hard news* – no noticiário em geral, quanto à exploração do entretenimento com algumas características de jornalismo, como é o caso do exemplo estudado neste artigo. Também conhecido como *infotainment*, é comum em programas televisivos que usam características técnicas do jornalismo para dar credibilidade a quadros de entretenimento.

armazenamento de conteúdo digital típicas da internet. O programa é apresentado pela dançarina e atriz Sabrina Sato, conhecida pelo jeito caricato e espontâneo, aliado aos atributos físicos e de beleza conservados pela artista, socialmente difundidos como características femininas.

Dentre tantas possibilidades de análise, visto que o assunto foi explorado em vários meios de comunicação, optou-se pela reportagem televisiva exibida no Programa da Sabrina devido às peculiaridades de linguagem e do gênero de discurso empregados na situação. São estudados os gêneros que compõem a reportagem: legendas, o texto da apresentadora, as chamadas etc.

É uma característica do Exército popularmente conhecida a disciplina, a formalidade não apenas da linguagem, mas da hierarquia⁴. Tudo isso contrasta com o jeito caricato da apresentadora e com o caráter de entretenimento da atração. O programa analisado foi exibido em 10 de março de 2018 e disponibilizado na internet no dia seguinte. Na internet⁵, o trecho do programa disponibilizado online dura mais de meia hora.

Pelo exposto, no presente estudo desejamos partilhar algumas reflexões sobre o conteúdo anteriormente destacado, considerando que, este é permeado por representações de gênero e pela introjeção e reprodução de papéis socialmente estabelecidos e relegados às mulheres. Ainda que compreendamos que a carreira militar seja destacada como um elemento de superação da sociabilidade historicamente reservada à mulher no Brasil, em alguma medida, as notícias apresentadas conjugam a evidência de uma “quebra de paradigma” a uma visão socialmente difundida sobre o que é “ser mulher”.

Portanto, a partir de um movimento de questionamento e análise, buscamos refletir sobre um contexto institucional que, a nosso ver, ainda carece de estudos e pesquisas que se destinem a evidenciar e compreender a complexidade que o permeia. Neste processo, ao estudar os sentidos publicizados sobre o Exército Brasileiro na mídia, a partir da carreira militar e do ingresso na linha de ensino bélico, nos questionamos, a exemplo do que refere Bakhtin (2010; 1997): em que medida a ideologia determina a linguagem e como um gênero do discurso reproduz o discurso de gênero vigente?

Mulheres e contexto militar: um breve histórico do panorama nacional

A compreensão da história como processo multideterminado e multifacetado permite entendermos que os fatos registrados, retratados e publicizados partem do olhar e dos lugares ocupados pelos sujeitos sociais, que difundem o contexto de uma dada realidade e/ou período.

Em se tratando das histórias vivenciadas pelas mulheres, há lacunas visíveis nos registros sobre seus modos de vida e participação social e política, em diversos períodos e contextos da história nacional. Acerca desta questão, Del Priori, ao apresentar a obra destinada a registrar a história das mulheres no Brasil, e ao indagar-se para que serve a história das mulheres ressalta:

para fazê-la existir, viver e ser. E mais, fazer a história das mulheres brasileiras significa apresentar fatos pertinentes, ideias, perspectivas não apenas para especialistas de várias ciências – médicos, psicólogos, antropólogos, sociólogos etc., como também para qualquer pessoa que refletia sobre o mundo contemporâneo ou procure nele interferir. Esta é afinal uma das funções potenciais da história. (DEL PRIORI, 2006, p. 9).

A possibilidade do encontro com os registros históricos que revelam as memórias de um determinado contexto de sociedade faculta, ao pesquisador, a aproximação com o fato histórico

4 É importante ressaltar que o próprio Exército Brasileiro divulgou a edição do Programa da Sabrina que tematizou as cadetes da AMAN em texto na página oficial da instituição destacando que se tratava de uma homenagem ao Dia Internacional da Mulher. O texto, de um parágrafo, era uma espécie de convite para assistir ao programa, indicando inclusive a data e o horário da exibição. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/todos-os-avisos/-/asset_publisher/nEIT00TYrefc/content/programa-da-sabrina-homenagem-a-mulher-na-aman>. Acesso em: 28 mar. 2018.

5 Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/programa-da-sabrina/videos/sabrina-visita-a-aman-e-conhece-a-rotina-das-mulheres-do-exercito-brasileiro-11032018>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

já retratado, a compreensão deste e, em alguma medida, a reconfiguração do registro proposto, permitindo ainda a análise ampliada sobre as expressões contemporâneas.

Em se tratando de questões já reveladas ou ainda por serem contadas e/ou recontadas, destacamos a relação entre a mulher e o contexto de conflitos e guerra e o âmbito militar. No Brasil, as mulheres são isentas do serviço militar obrigatório, previsto na Constituição Federal de 1988⁶. A conscrição não é a única forma de ingresso nas carreiras militares das Forças Armadas para os homens e, sendo impedida para mulheres, foram criadas para elas outras formas de inclusão.

Na década de 1990, as Forças Militares Brasileiras abriram-se oficialmente para a apropriação da força de trabalho representada pelo segmento feminino. A Marinha do Brasil foi a primeira das três Forças a abrir espaço para as mulheres. Em 1980, foram admitidas as primeiras militares no chamado Corpo Auxiliar Feminino da Reserva (CAFRM), que atuava em terra. Acerca da entrada da mulher militar na instituição naval e da criação do CAFRM, Andrada (2012) destaca que:

um dos objetivos principais da iniciativa era poder inaugurar em 1981 o Hospital Naval Marcílio Dias. Além disso, ajudaria a suprir as vagas não preenchidas com novas admissões de pessoal civil na área da saúde, estando em curso um processo de modernização organizacional, com a presença feminina, nos moldes vistos nas Marinhas dos Estados Unidos e da Inglaterra. (ANDRADA, 2012, p. 50).

Para além da motivação para atividades vinculadas ao cuidado e à recuperação da saúde, historicamente desenvolvida pelas mulheres⁷ nas Forças Armadas, Andrada afirma que, de início, não se previa na Força Naval a atuação em áreas operativas e vinculadas ao combate, sendo as atividades do Quadro Feminino de Oficiais (QAFO) e do Quadro Auxiliar Feminino de Praças (QAFP) resumidas ao cumprimento de tarefas nas áreas técnicas e administrativas. Neste contexto, a progressão na carreira das militares praças estava limitada ao posto de suboficial e das oficiais ao posto de capitão-de-fragata.

Na Força Aérea Brasileira (FAB), o decreto 8.325 de 1981 cria o Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica (CFRA), objetivado por meio do Quadro Feminino de Oficiais (QFO) e do Quadro Feminino de Graduados (QFG). Assim como na Força Naval, às mulheres militares da FAB destinavam-se o exercício de funções técnicas e administrativas, sendo esta vinculação de caráter inicialmente temporário, vigente por oito anos, podendo ser efetivada e incorporada ao final do período.

A primeira turma, formada em 1982, foi efetivada em 1990, seguindo-se a esse processo a vinculação das mulheres a outros âmbitos da carreira militar, sobretudo inscritas efetivamente na formação na Academia Militar da Força Aérea (AFA) que, em 1996, recebeu o primeiro grupo de mulheres exclusivamente para o curso de intendência.

Ao analisar o ingresso das mulheres na FAB, Santos (2008) ensina-nos que, inicialmente, para as mulheres destinaram-se apenas “trabalhos de mulheres”, ou seja, a estas estavam estabelecidas apenas as atividades técnicas e administrativas resguardadas por suas formações acadêmicas e especialidades, sendo vedada, conforme refere o artigo 45 da Lei de Criação do CFRA, a execução de serviços ligados à segurança das instalações ou de pessoal, exceto em situações de emergência. Santos destaca que a legislação só fora posteriormente revista, dado o descontentamento por parte

6 A lei 4.375 de 1964 rege o Serviço Militar no Brasil. Este fora referenciado na Carta Magna e ratificado pela Lei 8.239 de outubro de 1991, que regulamenta o artigo 143, parágrafos 1º e 2º da Constituição Federal, que dispõem sobre a prestação de Serviço Alternativo ao Serviço Militar Obrigatório. Esta legislação dispõe no artigo 5º que “as mulheres e os eclesiásticos ficam isentos do Serviço Militar Obrigatório em tempo de paz, sujeitos, porém, de acordo com suas aptidões, a encargos do interesse da mobilização”.

7 O primeiro alistamento feminino fora do período de paz é a participação das 73 enfermeiras voluntárias – 67 do Exército Brasileiro e seis da FAB, na Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial. Essas enfermeiras prestaram serviços em hospitais que acompanhavam a tropa no teatro de operações na Itália. Na análise dessa atuação, Bernardes e Lopes (2007) reportam a vinculação das enfermeiras brasileiras à FEB no front italiano demonstrando que, no Teatro de Operações, as enfermeiras teriam ocupado os espaços sociais consentidos, considerando a demanda pela atividade de cuidado que lhes fora atribuída. Bernardes e Lopes argumentam ainda que as profissionais mantiveram estes espaços ao longo da Guerra e que em alguma medida, alcançaram posições de destaque, sendo reconhecidas pelos militares do sexo masculino, dentre os quais os superiores hierárquicos.

dos militares homens que recebiam o mesmo soldo e desenvolviam as mesmas funções (SANTOS, 2008, p. 28).

Apenas em 2003, a Força Aérea Brasileira facultou às mulheres o ingresso no Curso de Formação de Oficiais Aviadores, e a habilitação como pilotos de caça. Ao analisarem o referido ingresso, Santos e Coutinho (2010) destacam, por meio da aproximação com algumas das oficiais formadas na primeira turma, a coexistência de discursos e experiências pioneiras, a conteúdos que tradicional e historicamente foram imputados às mulheres.

Assim, podemos dizer que a identidade das mulheres aviadoras da FAB se constrói tanto a partir de padrões tradicionais, que valorizam a maternidade, a família e o espaço da casa, quanto de padrões contemporâneos, que preconizam a independência financeira e o investimento em uma carreira profissional, mesmo tendo optado, de forma pioneira, por uma carreira até então aberta apenas aos homens. As aviadoras entrevistadas sentem-se felizes, contudo, por fazerem parte da primeira turma de aviadores em que foi permitido o acesso de mulheres e veem o sucesso profissional como um de seus grandes objetivos para o futuro, pelo menos imediato. (SANTOS; COUTINHO, 2010, p. 265).

As aspirações profissionais e inserção na vida e carreira militar, no contexto até então possibilitado apenas aos homens, coaduna, segundo o estudo ressaltado, com a aspiração e exercícios de vida pautados pelo casamento e pela maternidade refletidos aos moldes tradicionais e sedimentados pela compreensão de atividades historicamente atribuídas às mulheres relacionadas ao cuidado com a casa e à criação dos filhos.

O Exército Brasileiro foi o último das três Forças a permitir o ingresso das mulheres na carreira militar e, tal como as demais, a inserção deu-se em quadro indicado como complementar. Em 1992⁸, 52 mulheres foram admitidas na primeira turma da extinta Escola de Administração do Exército (EsSAEx), hoje chamada de Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEx), que formaria o Quadro Complementar de Oficiais (QCO) criado pela Lei 7.831 de 1989. É importante salientar que, enquanto Marinha e Força Aérea criaram quadros femininos, o QCO era e ainda é misto. A primeira turma de QCO foi denominada Maria Quitéria, em alusão a Maria Quitéria de Jesus Medeiros, que em 1823 alistou-se voluntariamente para lutar na Guerra da Independência, mas usando a identidade masculina de Soldado Medeiros.

Em 1996, a Força Terrestre integrou mulheres médicas, farmacêuticas, dentistas, veterinárias e enfermeiras para o Serviço Militar Feminino. No ano seguinte, outra possibilidade na carreira militar se abria para as mulheres: as engenheiras de carreira do Instituto Militar de Engenharia (IME) e as médicas da Escola de Saúde do Exército (EsSEEx). Assim, por meio de concurso público, a mulher conseguiu espaço na carreira militar na EsFCEx, na EsSEEx, no IME e na Escola de Sargentos de Logística (EsSLog). Paralelamente, ainda era possível o serviço temporário para Oficiais Técnico-Temporários (OTT) e Sargentos Temporários, por meio de seleção efetuada nas Regiões Militares.

Acerca do processo que refletiu no ingresso das mulheres no contexto da Força Terrestre, Lannes (2008) destaca uma leitura relacionada ao que denomina modernização do Exército. Para a autora, a requisição da força de trabalho feminina revela uma “via de mão dupla”, ou seja, a inserção só se tornara possível considerando, de um lado, um movimento de modernização vivenciado pela instituição no decorrer de sua história e, por outro lado, a inserção das mulheres, a qual teria sido um dos propulsores deste processo de modernização.

Concordamos com as reflexões propostas por Lannes (2008), no sentido de compreender que o processo dialético e de transformações vivenciado no interior da instituição Exército Brasileiro contribuiu para o rompimento de concepções historicamente estabelecidas e sedimentadas, que

⁸ É válido ressaltar que, anterior ao ingresso profissional de fato, o ensino assistencial objetivado pelo Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), composto por 13 colégios localizados em capitais e grandes cidades, paulatinamente abriu espaço para alunas do sexo feminino. Em 1989, 30% das vagas em cinco colégios do sistema passaram a ser destinadas ao segmento feminino. Hoje, a presença feminina chega a 48% das matrículas. (REVISTA VERDE-OLIVA, 2017). Acerca da experiência vivenciada no Colégio Militar de Brasília (CMB) vide estudo de Rezende (2009).

cerceavam a presença de mulheres em seus quadros profissionais. No entanto, não podemos atribuir tais transformações especificamente ao contexto desta Força Armada junto às demais (Marinha e Força Aérea), foram rebatidas pelas transformações sociais, políticas e econômicas gestadas no país, sobretudo a partir da década de 1980, as quais em termos de direitos e de conquistas expressam como ponto culminante o respaldo legal evidenciado na Constituição Federal de 1988.

Compreendemos também que, apesar de reconhecer que a presença de mulheres pode ser considerada, por si só, um indicador das alterações vivenciadas no contexto da Força Terrestre, a presença feminina neste âmbito não necessariamente impulsionou e/ou impulsionará um movimento de modernização, até porque se entendemos a história como processo dialético, a instituição verde-oliva não seria assim caudatária apenas de processos de mudanças lidos como modernizadores, mas é também espaço de ratificação de permanências e de reafirmação de conteúdos pautados pela tradição.

Pelo contexto proposto é possível considerar que o ingresso das mulheres nas Forças Armadas demonstrou processos evidentes de mudanças refletidas nos contextos institucionais. No entanto, conforme pudemos verificar, esta inserção fora objetivada por meio da execução de atividades administrativas e técnicas caracterizadas como complementares às atividades fins das Forças Armadas Singulares, relacionadas ao âmbito bélico e/ou de combate. Igualmente diferenciado fora o processo de formação das mulheres militares materializado por meio de estágios. Com exceção da FAB, que realizou a inclusão de cadetes do sexo feminino na AFA na década de 1990 e em 2003, Marinha e Exército só incorporaram a formação de nível superior para mulheres militares em 2014 na Escola Naval e em 2017 na EsPCEx restritas aos serviços de intendência e material bélico.

Neste contexto verificamos a evidência desta inserção descrita como pioneira e desbravadora e a aproximação da construção identitária das mulheres ser forjada pelo chamado “espírito militar”, conforme referenciado por Castro (2004). Em se tratando do Exército Brasileiro, podemos compreender que as mulheres passam assim a ser referências pelo conteúdo cultural e institucional do combate e da guerra e que esta visão não vigora apenas no interior da caserna.

Gêneros do discurso e ideologia

Mikhail Bakhtin escreve que “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (1997, p. 262). Isso justifica o fato de um mesmo assunto ser retratado de modo diferente conforme o campo de utilização, uma vez que cada campo ou esfera de atividade humana constitui um campo de visão (ideológica). Ou seja, não se pode esperar que o jornalismo utilize todos os termos técnicos e jargões comuns ao militarismo. Muito menos um programa de entretenimento para mídia televisiva, bem distante desse tipo de linguagem. Tais interpretações são feitas a partir de Bakhtin:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1997, p. 261).

O filósofo russo salienta a “extrema” heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos). “A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 262).

Deve-se a Bakhtin conceito de gêneros do discurso como uma possibilidade de representação da ideologia, de formas de ver e retratar o mundo (BRAIT, 2005; FIORIN, 2006). Esses enunciados estão relacionados a situações de comunicação, sendo possível associá-los a um campo de atividade humana, no âmbito da qual se constituem determinados tipos de interação, cada uma

com finalidade, concepção de autor e de público.

Grosso modo, a enunciação materializa-se e se regulariza em gêneros do discurso diferentes, a depender do campo de atividade humana em que se engendra, considerando quem o produz e para quem ele é produzido. Daí justifica-se a natureza socioideológica e discursiva dos gêneros.

Bakhtin alerta que é importante levar em consideração a posição que um discurso ocupa na hierarquia social de valores. “Quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por tendências exteriores de réplica e comentários.” (BAKHTIN, 2010, p. 159) O autor fala em “desvios consideráveis do estilo linear”, quando a transposição é feita de um gênero a outro, exemplificando com a literatura e com o neoclassicismo e outros gêneros que ele considera menor. No caso deste estudo, falamos do militarismo, do jornalismo e do entretenimento, cada qual com sua linguagem específica. Quando um campo de atividade apropria-se de outro campo, como no caso estudado, Bakhtin chama de “discurso de outrem”, a “enunciação da enunciação”, um “discurso sobre um discurso” (2010, p. 150).

No que tange à relação entre linguagem e ideologia, Bakhtin (2010, p. 31) considera que “*sem signos não existe ideologia*”. “O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela”, completa Bakhtin (2010, p. 37). Assim, além de pensar os gêneros do discurso, que justificam o emprego de determinadas construções linguísticas, o uso dos signos não é aleatório e está permeado da ideologia que o discurso carrega. O signo, em Bakhtin, é social e ideológico porque está vinculado a um determinado campo de atividade humana e porque sempre refrata um valor, um juízo ou um ponto de vista.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. (BAKHTIN, 2010, p. 32-33)

Bakhtin defende o valor da enunciação e da interação entre os interlocutores. Também destaca o que ele chama de apreciação, “isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo não há palavra.” (2010, p. 137). O acento apreciativo refere-se a um ponto de vista, uma tomada de posição diante de determinada situação. Aliado a isso, é preciso considerar que a enunciação suplanta a individualidade do falante. “*A enunciação é de natureza social*”⁹ (2010, p. 113, grifo do autor).

Análise do discurso de gênero

Bakhtin não criou um procedimento metodológico para estudo dos gêneros do discurso ou do caráter ideológico do signo (BRAIT, 2005). Apesar disso, usaremos o referencial teórico do filósofo russo para fundamentar as reflexões propostas neste estudo sobre gêneros do discurso e a ideologia que perpassa o discurso de gênero, no que tange às mulheres cadetes que ingressam no Exército Brasileiro.

Os signos empregados nos elementos verbais que aparecem no vídeo analisado denotam a ideologia do heroísmo e do combate, que constroem a imagem do Exército. A chamada para o programa é: “Pela primeira vez na história, O Exército Brasileiro vai formar combatentes mulheres e a Japa foi conhecer as pioneiras e, claro, treinou com elas. Confira!”. Desde o dia 8 de março, o Portal R7 divulgou na internet a chamada do programa que seria exibido no sábado seguinte: “Sabrina faz treinamento radical com as primeiras mulheres combatentes do Exército Brasileiro”. Essa chamada é acompanhada por fotos que mostra a apresentadora no interior da AMAN,

⁹Apesar disso, a enunciação, em Bakhtin também é individual. Social não é oposto a social, mas a natural enquanto um aspecto biológico. Assim, a enunciação é social e individual, o que dá espaço para a individualidade do sujeito.

devidamente paramentada com o uniforme operacional, conhecido como camuflado, entre os militares, de acordo com o Regulamento de Uniformes do Exército (RUE), inclusive com distintivo de gola que a caracteriza como cadete da AMAN. A legenda das fotos amplia a noção de heroísmo ao afirmar “Ela vai conhecer de perto a rotina de adrenalina dessas oficiais.”¹⁰

O título da reportagem é “Sabrina visita a AMAN e conhece a rotina das mulheres do Exército Brasileiro”. Durante o vídeo, são exibidas outras legendas que apresentam o mesmo caráter ideológico reforçador da bravura, heroísmo e árduo treinamento. São elas: “Conheça o trabalho das mulheres no Exército Brasileiro!”; “Mulheres armadas e destemidas¹¹: o poder feminino no Exército Brasileiro!”; “Já já Sabrina atira com arma de verdade! Será que ela vai mandar bem?”.

Outra legenda chama atenção por reforçar o estereótipo da mulher que cuida do lar, da família e que, historicamente, é um signo de feminilidade. “Exército Brasileiro: mulheres deixam suas famílias para defender o Brasil!” é a legenda inserida no vídeo, no momento em que a apresentadora Sabrina questiona as cadetes e tenentes instrutoras sobre deixarem as famílias para seguirem a carreira militar, uma vez que, a formação na AMAN é praticamente um processo de internato, em que os alunos são liberados apenas aos finais de semana, caso não haja atividades previstas ou mesmo penalidades. O questionamento da apresentadora às cadetes e às tenentes suscita uma reflexão: essa mesma pergunta seria feita a um cadete ou a qualquer outro oficial, visto que eles também ficam distantes da família e, quando em pleno exercício das funções, podem assumir missões que exijam dedicação total ao Exército? De qualquer forma, é sintomática a reprodução da ideologia da mulher ligada à família.

A linha de condução do vídeo é justamente a exploração do estereótipo da mulher que ganha a possibilidade de assumir um papel de heroína combatente: “Já imaginou comandando um tanque de guerra e atirando de canhão?”, questiona Sabrina no início do vídeo, referindo-se a uma das atividades do treinamento das cadetes. Ainda assim, a apresentadora ignora totalmente o fato de que, mesmo na linha de ensino bélico, as mulheres que ingressam na AMAN só podem optar pelas atividades de logística e não pelas armas, conforme destacamos anteriormente.

Cabe fazer uma observação referente ao gênero do discurso em questão: trata-se de uma reportagem televisiva que mistura linguagem do jornalismo e do entretenimento, para um programa televisivo que prioriza o último item. Portanto, a linguagem coloquial e o abandono dos termos técnicos típicos do universo militar chama a atenção, haja vista, por exemplo, o emprego do termo tanque de guerra - no militarismo, o correto é veículo blindado. É a transposição dos gêneros do discurso, com os consequentes desvios lineares de linguagem, conforme diz Bakhtin (2010).

O efeito lúdico para um assunto sério é reforçado pela edição final da reportagem televisiva que utiliza memes da internet, sobretudo de redes sociais, caracterizados pela linguagem coloquial e resquícius de oralidade, quando a apresentadora faz ou fala algo caricato: “miga, sua louca”, “lacrô”, “eita”. O mesmo se dá quando a enunciação por si denota deboche com o que é considerado disciplina na carreira militar: a apresentadora, ao mesmo tempo em que enaltece o empoderamento feminino – aliás, não seria este o propósito do vídeo? – também implica com o cabelo das cadetes, que deve estar alinhado conforme um regulamento interno do Exército, além da organização do alojamento.

Embora o gancho da reportagem televisiva seja a mulher em posição de combatente, os estereótipos femininos de delicadeza permeiam a narrativa, como na passagem feita por Sabrina: “Só que agora esta academia está com um toque mais feminino, mais bonito, mais perfumado, tá diferente. E não é porque eu tô aqui não. É porque pela primeira vez na história, o Exército Brasileiro vai formar combatentes mulheres.” (SIC). Há que se destacar o “acento apreciativo” na referida passagem, uma vez que tudo é dito pela apresentadora sorrindo e sambando, numa dança que dá o tom de humor e, às vezes, deboche, característicos do vídeo. Ainda sambando, Sabrina faz a passagem de bloco dizendo: “É o nosso Programa da Sabrina, comandando a Semana do Dia Internacional da Mulher”. O acento apreciativo também indica o empoderamento feminino que a apresentadora quer transparecer em seu discurso: “Isso aqui faz parte da história do Brasil.

¹⁰ Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/programa-da-sabrina/fotos/sabrina-faz-treinamento-radical-com-as-primeiras-mulheres-combatentes-do-exercito-brasileiro-08032018#!/foto/6>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

¹¹ De forma dialógica, para utilizar mais um conceito relativamente bakhtiniano (BRAIT, 2005; FIORIN, 2006), apropriamos dessa expressão para compor o título deste artigo.

Elas são as primeiras cadetes mulheres a se formarem, elas vão se formar e vão ficar na área de combate, né, para proteger e defender o Brasil, o nosso Brasil. Nós, mulheres, conquistando os nossos direitos.” (SIC)

Os atributos socialmente construídos da mulher são evidenciados em outros pontos do vídeo, como quando Sabrina diz que “são todas modelos, bonitas” ou já em estúdio, como em um *making off* do vídeo, a apresentadora questiona: “Elas pareciam atrizes, modelos. Essa beleza toda e elas vão para o combate?”. O mesmo ocorre quando a apresentadora pergunta à tenente instrutora das cadetes: “Por que você escolheu ser militar no lugar de bailarina, *top model*, modelo?” E se repete na pergunta feita a uma cadete, que Sabrina prontamente responde de maneira estereotipada: “O que sua mãe imaginava para você? Ser bailarina...”

O atributo da beleza e a questão corporal, que historicamente criam “significados articulados ao ser feminino”, vinculados ao mundo da natureza e a fenômenos específicos da corporeidade, conforme escreve Braga (2016), pode ser inferido no vídeo, que mostra imagens que duram mais de dez segundos, tendo por foco o corpo moldado e em forma socialmente aceita e cultuada do bumbum da apresentadora entrando no blindado para simular o treinamento.

Considerações finais

A televisão ainda é o meio de comunicação mais popular no Brasil. Isso significa que essa mídia participa da reprodução da ideologia, dos signos linguísticos e dos estereótipos socialmente aceitos em grande escala. Assim, é possível inferir que a mídia televisiva e os programas, sejam jornalísticos ou de entretenimento, veiculados por ela, reproduzem os valores socialmente construídos.

Braga (2016) afirma que a mídia atua no processo de construção das identidades sociais por meio da interpelação do público. No estudo da autora, feito em revistas femininas, a identidade da mulher é construída fundamentalmente em fenômenos específicos da corporeidade, como menstruação, gravidez, aleitamento, forma física. Da mesma forma, a construção da identidade social da mulher oficial do Exército Brasileiro, formada pela AMAN, ocorre por meio de programas televisivos como o que foi estudado nesta pesquisa.

Uma vez que o discurso empregado é permeado por estereótipos no sentido de reproduzir a opinião corrente, o enunciado reproduz o senso comum, a doxa, o lugar-comum, ainda que se trate de um tema que sugira uma inovação de hábitos e pensamentos. Obviamente, não descartamos a atitude responsiva do interlocutor (FIORIN, 2006) em relação ao enunciado, que pode concordar com ele ou não, adaptá-lo, exaltá-lo, mas também refutá-lo. Aliás, de modo algum estamos restaurando teorias funcionalistas da comunicação, que destacam o poder manipulativo da mídia. Nosso estudo é no sentido de apontar reflexões sobre a reprodução de estereótipos de gênero no discurso da mídia, ainda que o assunto pautado seja eminentemente uma ruptura de paradigmas.

Por fim, apontamos que o ingresso das mulheres no Exército Brasileiro é semelhante à inserção da mulher em outros campos, seja o do trabalho, o econômico, o político, o acadêmico etc. A mulher ocupa espaços antes restritos aos homens, mas permanece inalterada a carga ideológica petrificada nos estereótipos de beleza física, doçura, meiguice, delicadeza, cuidados com a família etc.

Em última instância, a sociedade produz estereótipos da mulher, e esses são consumidos como sentidos naturais, inatos. Os signos escolhidos para tal atividade comunicativa repetem-se, tornam-se aceitos e difundidos. É a consagração da famosa assertiva de Barthes (1978, p. 15): “Em cada signo dorme este monstro: o estereótipo: nuca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua.” As mulheres armadas e destemidas pioneiras do Exército Brasileiro como oficiais combatentes da linha bélica ainda estão sob o monstro do estereótipo do feminino socialmente construído, da doxa, que “dinfude e gruda”, segundo Barthes (1978, p. 27), com quem encerramos este artigo: “Combater os estereótipos é, pois, uma tarefa essencial, porque neles, sob o manto da naturalidade, a ideologia é veiculada, a inconsciência dos seres falantes com relação a suas verdadeiras condições de fala (de vida) é perpetuada.”

Referências

ANDRADA, Sheila Aragão de; PERES, Helena Maria. **Mulheres a Bordo: 30 Anos da Mulher Militar**

na Marinha do Brasil. Rio de Janeiro: Hmperes e Associados, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira. As enfermeiras da força expedicionária brasileira no front italiano. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. 2007, v. 41, n. 3, p. 447-453. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342007000300015&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 27 mar. 2018.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAGA, Adriana. **Corpo verão: jornalismo e discurso na imprensa feminina**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

BRASIL. **Lei 12.705 de 8 de agosto de 2012**. Dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12705.htm>. Acesso em: 28 mar. 2018.

CASTRO, Celso. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DEL PRIORI, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

LANNES, S. B. de. A inserção da mulher no moderno Exército Brasileiro. **Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa**, – Niterói- RJ: II ENABED, 2008. Disponível em: <http://www.abedef.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=73>. Acesso em: 27 mar. 2013.

REVISTA Verde-Oliva: a trajetória da mulher no Exército Brasileiro. n. 237, Brasília, ano XLIV, jul. 2017.

REZENDE, Thelmy Arruda de. **Meninas não entram: Edição comemorativa dos 20 anos de ingresso das Alunas Pioneiras no Colégio Militar de Brasília: 1989-1995**. Brasília: Colégio Militar de Brasília, 2009.

SANTOS, Marina Miranda Lery. **Da sombra aos holofotes: a construção da identidade das primeiras mulheres aviadora da Força Aérea Brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

SANTOS, Marina Miranda Lery; COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras. **Revista Estudos de Psicologia**. 3. ed. Natal: UFRN, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n3/a05v15n3.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

Recebido em 2 de abril de 2018.

Aceito em 19 de julho de 2018.